

## PANORÂMICA DA COLETA DE RECICLÁVEIS EM BARÃO GERALDO

ALOÍSIO JOSÉ DE ALMEIDA JÚNIOR<sup>1</sup>, FERNANDO FERRARI DE GOES<sup>1</sup>,  
THIAGO BARROS RODRIGUES COSTA<sup>1</sup>, JÚLIA MARTINEZ PERDIGUEIRO<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Curso de Graduação – Instituto de Computação/ UNICAMP

**RESUMO:** A coleta de material reciclável tem sido prática muito comum entre populações pobres e desempregados no Brasil, motivando a organização de cooperativas com esse fim. Em particular no distrito de Barão Geraldo, em Campinas, uma cooperativa, fundada com apoio da prefeitura municipal, vem enfrentando dificuldades financeiras e administrativas. Coletores informais, que coexistem com a cooperativa, são apontados como os principais responsáveis por esses problemas. Por isso, através de entrevistas a cooperados e coletores informais, buscamos traçar uma nova visão de como funciona o mercado de recicláveis nesse distrito.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cooperativas de lixo, coleta de lixo, reciclagem, coleta informal, Barão Geraldo.

### INTRODUÇÃO

No final do ano de 2001, uma série de cooperativas foi instalada para realizar coleta seletiva de lixo na cidade de Campinas. Com amparo da prefeitura municipal, famílias de baixa renda e desempregados foram instruídas e redirecionadas para se auto-sustentar com os lucros dessas cooperativas (STREB, 2001a).

A princípio, essa medida resultou em um ótimo retorno tanto social quanto ecológico e financeiro, porém, passado menos de quatro anos,

essas mesmas cooperativas estão enfrentando grandes dificuldades econômicas e evasão de suas famílias-membros.

Em particular, no bairro de Barão Geraldo, onde há a CooperBarão, cooperativa responsável pela coleta de recicláveis desse bairro, a situação é precária. A cooperativa está incapaz de suportar mais do que 30 pessoas e sem gerar qualquer lucro extra para atividades essenciais, como manutenção de equipamentos, por exemplo.

Motivados em compreender a

realidade da coleta de recicláveis em Barão Geraldo e principalmente em entender por que atitudes de cunho social não conseguem vingar, este trabalho visou investigar o funcionamento do mercado de recicláveis na região de Barão Geraldo.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

Para avaliar o problema da coleta de recicláveis em Barão Geraldo, foram feitas entrevistas com várias pessoas envolvidas com esta atividade.

O trabalho iniciou pela CooperBarão, onde foi entrevistada a atual presidente da instituição, conhecida como “Nani”, e onde se obteve informações sobre a situação atual da Cooperativa. Também foram entrevistados alguns trabalhadores que tratavam diretamente da seleção do lixo.

Em seguida foi entrevistado o professor da Faculdade de Engenharia Mecânica, ex-diretor do Departamento de Limpeza Urbana de Campinas, Waldir Antonio Bizzo.

Posteriormente, buscou-se levantar informações sobre a situação de outras cooperativas da região e, então, estabeleceu-se a Cooperativa Aliança, do bairro do Cambuí, em Campinas, como um exemplo comparativo.

Em uma visita à subprefeitura de

Barão Geraldo, foram obtidas informações sobre coletores informais no distrito, e com essa informação em mãos foi realizada uma visita à empresa clandestina de recicláveis Máfia da Sucata, onde foram coletados dados sobre sua produção e suas opiniões sobre a coleta seletiva em entrevista com o seu dono, Sr. Agide Azoini (mais conhecido como “Alemão”), e a um de seus filhos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O projeto da Cooperativa de lixo de Barão Geraldo foi idealizado para ser mais ambicioso do que se mostrou. Se a idéia inicial era de que a atividade só crescesse, hoje existe uma clara tendência de regressão. O trabalho da CooperBarão vem se mostrando ineficiente, e os cooperados têm poucas condições de levar o projeto adiante. Eles enfrentam vários problemas, que são agravados pela falta de apoio da nova gestão da prefeitura e pela atividade de atravessadores.

A Cooperativa surgiu há pouco mais de três anos com aproximadamente 3 famílias de coletores informais, que juntas somavam 30 pessoas, e contou com cursos preparatórios oferecidos pela prefeitura para ensinar os cooperados a separarem o material. O número de

trabalhadores praticamente não mudou, hoje são 27, mas somente uma das famílias originais continua no serviço. Isso mostra um aspecto marcante do quadro de mão-de-obra da CooperBarão: a alta rotatividade de pessoas. Tal rotatividade geralmente acompanha os períodos de "altas e baixas" da atividade e reflete o modo como esse tipo de serviço é visto pelos próprios cooperados: em vez de ser uma possibilidade real de mudança, é encarado mais como um "quebra-galho da vida". Falta ação da prefeitura de investir em treinamento e falta seriedade de trabalho por parte dos cooperados, essa é a opinião do professor Waldir Antonio Bizzo, da UNICAMP.

A atividade, que atualmente é ineficiente e apresenta rentabilidade suficiente apenas para atender seus custos de mão-de-obra, além de ser vista com descaso pela prefeitura. A Cooperativa não tem recursos financeiros próprios para suas necessidades de investimento e manutenção. Por não possuir meios de fazer a coleta do lixo, é completamente dependente do material doado pela prefeitura. Desse modo, a situação da Cooperativa está cada vez mais vulnerável, não havendo nenhuma garantia futura de que esse material

continue sendo fornecido.

Numa situação um pouco diferente, encontra-se a Cooperativa Aliança, que opera no Bairro do Cambuí, nascida por iniciativa da ONG "Ecologia e Dignidade Humana" com o objetivo de promover a reposição profissional de pessoas com pouca qualificação. Hoje, ela recebe apoio de mais de 20 empresas e instituições que, além de fornecer material reciclável, têm ofertado suporte técnico, financeiro e de serviços. Assim, essa cooperativa possui uma boa infra-estrutura e é estável, incluindo até dois caminhões para a coleta. Mas a própria Cooperativa reconhece que é completamente dependente do grande apoio externo que recebe para poder continuar funcionando bem, com alguma perspectiva de crescimento.

Outro grave problema enfrentado pelas cooperativas é a má qualidade do lixo reciclável coletado. Atualmente, 40% do montante não é aproveitado (esse número já foi de menor que 25%). Isso é explicado em parte pela atividade dos atravessadores/coletores informais que já fazem uma pré seleção do material reciclável e retiram o material que seria levado à cooperativa, mas também há desinformação da população sobre o funcionamento dessa coleta.

Mais antiga do que as cooperativas de reciclagem, a coleta informal de material reciclável em Barão Geraldo é uma realidade presente ainda hoje e sustenta diversas famílias – por volta de 35 coletores informais residentes em Barão Geraldo e mais outros de cidades próximas, estima o Sr. Agide. A coleta informal de lixo é, na realidade, ilegal sob o ponto de vista jurídico, como pode-se ver na legislação municipal, na Lei 7.058 de 8 de julho de 1992: *“o direito de coleta de resíduos em Campinas é restrito ao DLU, que pode conceder a coleta a empresas especializadas”* (PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS, 1992). Por conta disso, ao entrevistarmos os donos da empresa clandestina Máfia da Sucata, descobrimos que uma reportagem publicada algum tempo atrás sobre o trabalho que essa família realiza levou a uma interdição de seu terreno a fim de impedir que continuassem seu trabalho, mas após negociações, o terreno voltou a ser aberto. Como consequência, essa família deixou de recolher lixo nas casas do distrito, restringindo-se principalmente a doações de estabelecimentos comerciais.

A família da empresa é tida como a mais antiga a exercer essa atividade pelos moradores do distrito,

fazendo-o há 7 anos. O Sr. Agide é o dono da empresa e trabalha com uma caminhonete para fazer a coleta principalmente em oficinas mecânicas com quem tem acordos verbais (entre 12 e 15 oficinas em Barão Geraldo), em uma igreja de um bairro próximo, e também compra o material recolhido por coletores que passam recolhendo em casas. Segundo a Máfia da Sucata, o lucro da empresa costumava ser de R\$ 1.500,00 para cada membro da família (pai e três filhos) e R\$ 400,00 para cada um dos dois funcionários, mensalmente, totalizando uma renda de R\$ 6.800,00 ao mês. Atualmente, cada membro da família tem recebido entre R\$ 350,00 e R\$ 400,00 (pai e dois filhos) mensalmente, e cada funcionário (que não trabalha todos os dias da semana) recebe R\$ 20,00 por dia de trabalho. Com esses dados, pode-se observar que a renda do ramo da reciclagem caiu muito nos últimos anos. STREB (2001b) considera cruel o fato de a indústria da reciclagem no Brasil ser alimentada pela miséria, pelo trabalho dos catadores. Segundo ela, essas indústrias merecem o mérito por cuidar do meio ambiente, mas não devem se vangloriar pela reciclagem.

A queda dos rendimentos obtidos na negociação de material reciclável se deve em parte ao grande

aumento na quantidade de catadores que existem hoje – os grandes lucros obtidos pelos primeiros no ramo atraiu muito a população pobre e desempregada, causando o aparecimento excessivo de catadores. Outra causa é a queda acentuada dos

preços pagos pelo material reciclável (Tabela 1), pois segundo o Sr. Agide, ele continua recolhendo um mesmo volume de material que recolhia anteriormente, mas como recebe muito menos pelo quilograma de cada material, os lucros caem

**Tabela 1.** Preço de compra e venda de material reciclável pela empresa Máfia da Sucata.

MATERIAL	PREÇO ANTIGO (R\$/kg)		PREÇO ATUAL (R\$/kg)	
	COMPRA	VENDA	COMPRA	VENDA
Ferro	0,20	0,40	0,08/0,10	0,18
Plástico comum	0,25	0,40	0,15	0,25
Alumínio	3,00	4,10	2,00	2,50
Cobre queimado <sup>1</sup>	5,00	6,00	4,00/3,50	6,00
Cobre limpo <sup>1</sup>	6,00	7,00	6,00	7,00/7,50
Papelão	0,25	0,35	0,12	0,18

<sup>1</sup> O preço do cobre queimado e do cobre limpo não se alterou por se tratar de um material que não se recolhe muito

A Máfia da Sucata coleta e separa material reciclável, tendo aprendido a separar o material com a experiência que obtiveram conforme foram trabalhando no ramo, não havendo nenhum treinamento específico por que eles tivessem passado. O material separado é, então, vendido para atravessadores, que por sua vez vendem esse material (que compram de várias

empresas como a em questão) para usinas. Os atravessadores devem acumular uma grande quantidade de material para vender para a usina, como por exemplo a pessoa que compra o ferro do Sr. Agide, que compra 100 toneladas de ferro por dia de empresas como a dele para revender para usinas.

Existe uma certa organização entre as empresas como a em questão

em Barão Geraldo, onde existem de 5 a 8 empresas, no sentido de combinar preços para a revenda. Atualmente, a o lucro da Máfia da Sucata tem sido suficiente somente para pagar as contas, a alimentação e a gasolina da caminhonete que utilizam (ver quantidade de material negociado na Tabela 2). Quando questionados sobre a possibilidade de comprarem máquinas

para melhorar a qualidade do material que vendem, responderam que além de serem muito caras, a compra exigiria uma legalização do negócio deles (teriam que se estabelecer como microempresa), o que também exigiria dinheiro e, segundo eles, não valeria a pena.

**Tabela 2.** Quantidade de alguns materiais vendido pela Máfia da Sucata atualmente

<b>MATERIAL</b>	<b>QUANTIDADE</b>	<b>TEMPO</b>
<b>Ferro</b>	3 a 4 toneladas	uma semana
<b>Plástico</b>	1 a 1,4 toneladas	dez dias
<b>Papelão</b>	3 toneladas	uma semana

## CONCLUSÃO

A situação do mercado de recicláveis está extremamente desfavorável atualmente para aqueles que coletam e separam o material, conforme pudemos observar a partir da realidade de várias entidades do ramo. O inchaço desse mercado é uma das razões, mas o baixo preço do material parece ser o maior contribuinte para a crise, que nada mais é que um reflexo da crise em diversos setores da economia atual.

O impacto parece ser ainda maior na cooperativa de Barão Geraldo,

onde a falta de empreendedorismo marca a total dependência da entidade com a prefeitura de Campinas, que ameaça cortar o apoio dentro em breve, enquanto a Cooperativa Aliança investiu em parcerias e assim mantém-se mais estável. Além de investir em treinamento na separação de material, os fundadores da CooperBarão deveriam ter sido treinados no sentido de investir em buscar mais parcerias para aumentar seu negócio e estabilizar-se de uma melhor forma. Com a falta de compromisso dos cooperados, no entanto, ela está praticamente



condenada a se extinguir, pois muitos dos que trabalham nela não a enxergam como investimento para o futuro, mas sim como uma solução somente no presente.

#### **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos à *CooperBarão* e à *Máfia da Sucata* por sua ajuda na coleta de informações para nosso trabalho.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS. Lei nº 7.058 de 08 de julho de 1992. Disponível em: [http://www.campinas.sp.gov.br/limpeza\\_urbana/limpeza\\_urbana.htm](http://www.campinas.sp.gov.br/limpeza_urbana/limpeza_urbana.htm). Acesso em: 22 agosto 2005.

STREB, C. S. **A coleta de lixo informal no município de Campinas - SP: uma análise na perspectiva das questões energéticas e da qualidade de vida**. 2001a. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

STREB, C. S. **Uma indústria alimentada pela fome: exclusão social faz do Brasil o campeão em reciclagem de alumínio**. Disponível em:

<[http://www.unicamp.br/unicamp/unica mp\\_hoje/ju/maio2001/unihoje\\_tema162 pag02.html](http://www.unicamp.br/unicamp/unica mp_hoje/ju/maio2001/unihoje_tema162 pag02.html)>. Acesso em 22 agosto 2005.